



Entre a igualdade e a equidade: sentidos suspensos na imagem

Between equality and equity: an image and its meanings

Entre igualdad y equidad: significados suspendidos en la imagen

Newton Guilherme Vale Carrozza - Universidade Estadual de Campinas | Campinas | São Paulo | Brasil | guilhermecarroza@gmail.com.

 <https://orcid.org/0000-0002-4846-3114>

Resumo: Numa sociedade que se estrutura pelo linguístico, é possível pensar num funcionamento próprio da imagem sem que seja sobredeterminada pela palavra? Que procedimentos analíticos devem ser considerados quando se busca, pela via discursiva, compreender os processos que sustentam os sentidos produzidos pela imagem? Este artigo propõe uma análise sobre uma postagem que procura demonstrar, pela imagem, a diferença entre igualdade e equidade, na garantia dos direitos humanos. O método utilizado foi o da Análise de Discurso proposta por Pêcheux e Orlandi o que possibilitou compreender a multiplicidade de sentidos que uma imagem é capaz de produzir.

Palavras-chave: Imagem. Discurso. Rede Social.

Abstract: In a society that is structured by a linguistic system, is it possible to think of a proper functioning of the image without being overdetermined by the word? What analytical procedures should be considered when we want, through discursive means, understand the processes that support the meanings produced by the image? This article proposes an analysis of a post that intends to demonstrate, through the image, the difference between equality and equity, related with the guarantee of human rights. The method used was the Discourse Analysis proposed by Pêcheux and Orlandi, which made it possible to understand the multiplicity of meanings that an image can produce.

Keywords: Image. Discourse. Social Network.

Resumen: En una sociedad que está estructurada por la lingüística, ¿es posible pensar en un funcionamiento adecuado de la imagen sin estar sobredeterminado por la palabra? ¿Qué procedimientos analíticos se deben considerar cuando se busca, a través de medios discursivos, comprender los procesos que sustentan los significados producidos por la imagen? Este artículo propone un análisis de un post que busca demostrar, a través de la imagen, la diferencia entre igualdad y equidad, en la garantía de los derechos humanos. El método utilizado fue el Análisis del Discurso propuesto por Pêcheux y Orlandi, que permitió comprender la multiplicidad de significados que una imagen es capaz de producir.

Palabras clave: Image. Discurso. Red Social.



 <http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2021v9n22p64-79>

Recebido em novembro 2021 – Aprovado em dezembro 2021.



1 Imagem e discurso

A Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux e seu grupo surgiu na década de 60 do século XX na França, focada principalmente na articulação do linguístico com o político e a ideologia, tomando o homem como um ser sócio-histórico. Interessava a eles, sobretudo, a compreensão de como a língua materializa o discurso, entendido como efeito de sentido entre locutores. Para Pêcheux, a materialidade da ideologia é o discurso e materialidade do discurso é a língua. Nesse sentido, o acesso aos processos discursivos que sustentam determinado dizer e que o inscrevem em determinada formação ideológica pode se dar pelo reconhecimento de marcas presentes nos textos.

O campo epistemológico no qual se firma a Análise de Discurso se dá no entremeio de três disciplinas – a Linguística, a Psicanálise e o Materialismo Histórico – propondo a cada uma delas questionamentos sobre o efeito de transparência da língua, do sujeito e da história.

A partir de Pêcheux e de seu interesse pela língua, os estudos foram se desenvolvendo e foi possível fazer entrar, também, a análise de outros objetos simbólicos como materialidades discursivas. No Brasil, principalmente pelo trabalho desenvolvido por Eni Orlandi e seus seguidores, a Análise de Discurso alargou seu campo focal, propondo outros dispositivos analíticos de diferentes materialidades, como a cidade, o grafite, a tatuagem, a moda, o corpo, a produção fílmica, a imagem.

Muito embora alguns desses possíveis materiais de análise conjuguem tanto o verbal quanto o não-verbal, é importante salientar que o que importa é a materialidade discursiva, ou seja, nem a forma empírica, nem a abstrata, mas sim o processo que faz com que determinado objeto simbólico produza o sentido que produz. O mesmo enunciado num grafite, que se apresenta num espaço público, não produz o mesmo efeito de sentido que num livro didático, ou em uma produção de cinema, só para citar um exemplo, dadas as condições em que é produzido e circula. São espaços distintos, em condições de produção distintas, com interlocutores distintos e, possivelmente, em formas distintas.

Diante disso, é possível afirmar que a Análise de Discurso hoje no Brasil tem o estatuto de uma disciplina que se interessa e se ocupa da análise de diferentes



materiais significantes e, para cada um deles, constrói seus próprios dispositivos analíticos. Contudo, embora tenhamos estudiosos que já avançaram consideravelmente no entendimento do funcionamento discursivo da imagem, ainda hoje há algumas questões que merecem atenção.

O primeiro ponto a se considerar é o modo como a imagem acaba sendo apreendida numa sociedade que se estruturou sobre a cultura do verbal, o que Orlandi (1995) já procurou apontar, propondo se pensar nas diferenças entre os sistemas significantes e criticando o modo como posições que privilegiam o verbal em detrimento do não-verbal

“[...] produzem uma assepsia do não-verbal, um seu efeito de transparência, pela sua verbalização necessária. Evita-se, pelo verbal (pela gregaridade, distintividade, etc. do verbal) produzido pela Linguística, o corpo da linguagem em sua opacidade, espessura e muitas vezes indistinção” (ORLANDI, 1995, p. 36).

Ou seja, falar da imagem numa sociedade como a nossa é já um modo de tradução do não-verbal em verbal e isso tem suas consequências num trabalho de análise. Uma análise de imagem do ponto de vista discursivo não pode, então, ser um trabalho de explicação da imagem, como se o objetivo fosse responder à questão “o que essa imagem quer dizer?”. Isso reduziria o entendimento sobre essa forma de linguagem a uma simples tentativa de verbalização dos sentidos ali produzidos, reduzindo também seu funcionamento enquanto objeto simbólico.

Uma outra questão que vem em par com essa – também pelo fato de a sociedade como um todo se estruturar sobre o verbal – é que há, aparentemente, uma primazia do verbal sobre o não-verbal. Isso quer dizer que uma imagem, dependendo do modo como circula, se acompanhada de um enunciado verbal, tem, de certa forma, seu sentido direcionado para aquilo que esse enunciado diz. Não estamos dizendo com isso que a imagem perde seu poder de significação. Estamos dizendo que, geralmente, quando imagens circulam trazendo legendas, títulos, locuções e outras formas linguísticas que a acompanham, seu sentido acaba sendo, de certa forma, direcionado ou determinado pelo verbal. São duas observações que consideramos fundamentais no trato com a imagem, mas que, não necessariamente, impedem que se procedam a análises tendo como material o imagético.



Outro apontamento necessário é sobre o que estamos chamando de imagem neste momento. Se tomamos o termo na sua origem, imagem é aquilo que se refere a uma figura, representação, semelhança ou aparência de algo. Nesse sentido, imagem é a representação visual de algo, através de técnicas diversas, sejam elas fotografia, filme, pintura, escultura, desenho, holograma etc. Tem um caráter físico, material, na medida em que, para ser produzida, necessita de um suporte. E aqui já é importante considerar também esse primeiro funcionamento: o de representação de algo, porque isso a coloca numa dimensão que, aparentemente, se instala entre o sujeito que lê a imagem e o mundo das coisas, com “efeito imaginário de similaridade, entre conteúdos expressos em diferentes sistemas de signos, efeito esse que se produz na relação do sujeito com o simbólico e com o político” (FEDATTO, 2015, p. 29).

E usamos aqui a construção “ler a imagem” porque já partimos da afirmação de que a apreensão visual da imagem se dá através de um gesto de leitura, considerando-a, pois, como um texto visual, que articula elementos capazes de produzir textualidade, ou seja, de tecer caminhos de leitura para aquele que a vê.

Dito isso, gostaríamos agora de trazer colocações de alguns teóricos que desenvolveram estudos e reflexões sobre a imagem para tentar propor um caminho de compreensão que nos leve a um direcionamento para um procedimento analítico da imagem.

Começamos com o sociólogo francês Jean Davallon, que se ocupa, dentre outros temas, do estudo da imagem na mídia. Davallon (1999) considera que a imagem é um operador de memória social, ou seja, trata-se de um desses objetos culturais¹ que fazem funcionar a memória, de um lado como fato societal, de outro como fato de significação. Este autor chama a atenção para o fato de que, ao mesmo tempo em que a imagem abre para uma liberdade de interpretação, também comporta um programa de leitura, ou seja, conclama no espectador um certo lugar de leitura. Uma obra artística, por exemplo, já antecipa no espectador um certo “modo de ver”, diferentemente de uma pichação, ou de um desenho de criança. São materialidades imagéticas que demandam já daquele que vê um certo lugar de leitura, construído

¹ Para Davallon (1999) objetos culturais são “o conjunto dos objetos concretos (livros, escritos, imagens, filmes, arquiteturas etc.) que resultam de uma produção formal e que são destinados a produzir um efeito simbólico”.



histórica e ideologicamente. E isso, segundo Pêcheux (1999), se deve ao modo como a memória discursiva funciona restabelecendo os implícitos que ela veicula, o que faz com que a imagem comporte no interior dela mesma um percurso de leitura escrito discursivamente em outro lugar.

Pêcheux (1999) também chama a atenção para alguns universais do icônico – o fato, por exemplo, de não haver negação ou interrogação no interior da imagem – que atravessaram os estudos sobre a imagem e que conferem a ela uma certa eficácia simbólica: a imagem é o que é, produzindo uma transparência de sua compreensão, enquanto representação.

Paul Henry (1992), por exemplo, é um desses estudiosos que vêm afirmar que a negação é impossível na imagem. Não há na imagem, segundo o filósofo, uma não-coisa. A imagem, com a condição de permanecer como imagem, é sempre imagem de alguma coisa². Por outro lado, para Henry (1992), é possível pensar na ausência na imagem, mas apenas como parte faltante de algo. Uma casa sem janela e portas por exemplo. Não deixa de se apresentar como uma casa, mas algo falta. E para ele, o mesmo ocorre com o acréscimo. Isso nos faz supor que a imagem funcione na co-presença de outra imagem. O autor ainda afirma que, para ele, não há sintaxe na imagem, mas, no máximo, uma morfologia, o que nos leva a pensar que interessa no estudo na imagem mais a forma dos elementos em conjunto que a compõem do que necessariamente a sua função.

Davallon (1999) salienta que Benveniste parecia já ter atentado de certa forma para isso, quando afirmava que a imagem funciona, antes de tudo, sob o modo semântico de significação, aquele fundado sobre a compreensão do sentido do texto em sua totalidade. Nesse sentido, não se trataria do reconhecimento das unidades de significação em si, mas do funcionamento conjunto dessas unidades enquanto produtoras de sentido.

É o que Barthes (1982) vem reafirmar, segundo Fernandes (2013), ao dizer que a análise de uma fotografia ou uma sequência de fotografias deve se dar pelo encadeamento de seus elementos, não sendo possível determinar o significante por

² Sobre este ponto, o trabalho de Carolina Fedatto (2015) propõe discutir possibilidades de negação pela imagem através do funcionamento metafórico. Para o que estamos propondo neste momento, considerando a assertividade da imagem no que diz respeito ao seu efeito de representação, iremos nos deter à afirmação de Henry.



apenas um fragmento da sequência. Assim, uma imagem não poderia ser segmentada ou descrita por suas partes isoladas, o que nos faz pensar na imagem como uma unidade significante.

Em análise de discurso pensamos no texto – linguístico – também como unidade de significação, conforme Orlandi. O texto é dispersão com efeito de unidade, posto que é constituído de dizeres não originados no sujeito, mas sim formulados antes, de alguma forma, em todo lugar. É a memória constitutiva do sentido que funciona pelo esquecimento e coloca o sujeito na origem do seu dizer, lembrando que como qualquer sistema simbólico, a língua é incompleta, o que revela o seu impossível – tudo não é possível de se dizer.

Isso significa também pensar que esse texto traz em si marcas da presença de outros textos que podem ser apreendidas ao se produzir uma análise. No caso da imagem, essa co-presença pode ser entendida, na Análise de Discurso, como aquilo que Souza (2015) chama de policromia. A partir da noção de polifonia em Ducrot (1987), em que o linguista afirma que todo texto traz em sua constituição uma pluralidade de vozes, a autora desenvolve a noção de policromia, afirmando que não se trata de uma constituição por vozes, pois isso reduziria a imagem a categorias de análise do verbal. Trata-se, isso sim, de marcas de heterogeneidades que são projeções de outras imagens pela imagem, em que a materialidade é da ordem do simbólico e do ideológico e não da visibilidade. Souza diz ainda que tais marcas podem ser apreendidas como operadores discursivos não verbais, como a cor, o traço, o detalhe, o ângulo da câmera, um elemento da paisagem, luz e sombra etc., os quais não só trabalham a textualidade da imagem, como instauram a produção de outros textos, todos não-verbais. Ainda para Souza, ao olharmos para a imagem, considerando o conceito de policromia, é possível inferir que as imagens se tornam visíveis a partir da possibilidade de cada um projetar as imagens possíveis, que não necessariamente compõem a estrutura visual do texto não-verbal em si, mas que compõem a rede de imagens mostradas, indiciadas, implícitas, metaforizadas ou silenciadas. Assim, Souza referencia o conceito de heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1990) para afirmar que a imagem possui, na sua incompletude, uma heterogeneidade discursiva. Isso quer dizer que a imagem produz referencialidades e implícitos, não necessariamente presentes nela, mas que podem remeter ou não a



outras imagens, dando ao seu espectador a possibilidade de estabelecer certas ligações. Isso nos mostra, segundo ela, que a imagem tem historicidade, ou seja, se liga de alguma forma a algo que lhe é exterior. Por isso, diz ela, assim como na interpretação do verbal, o trabalho com o não-verbal pressupõe a relação com a cultura, o social, o histórico, enfim, com a formação social dos sujeitos (Souza, 2015).

Também Lagazzi (2010), ao propor um estudo sobre documentários, salienta a importância de compreender os diferentes funcionamentos entre diferentes sistemas simbólicos, o que significa que não se trata de fazer uma oposição entre verbal e não-verbal, mas pensá-los em seus funcionamentos distintos. Diante disso, no caso de um material que conjuga imagem, texto e melodia, e que se apresenta em movimento, a autora pensa no conceito de materialidade significativa para se referir à forma material do discurso, pensando em como esses elementos se imbricam na produção de sentidos. Não se trata de uma sobreposição entre eles, nem de uma complementaridade, trata-se de considerar cada elemento, a seu modo, produzindo sentido, dentro dos dispositivos que lhe são próprios. Esse modo de ver amplia a noção de materialidade linguística pensada na relação com o discurso, fazendo supor que também a imagem vem materializar discursos circulantes.

Resta ainda observar que, segundo Orlandi (2000), diferentemente do modo como a ideologia doméstica nossa percepção do texto, propondo uma leitura linear que vai construindo uma unidade textual, a percepção da imagem se dá de forma não linear, desorganizada. Para Orlandi (2000, p.113), “a nossa percepção não é fixa, não se faz de um lugar só. O olhar é móvel, atinge e se desloca por pontos (posições) diferentes”.

De tudo o que precede, podemos então dizer que a imagem não é, do nosso ponto de vista, um instrumento de transmissão de mensagens. Dizemos isso pensando que, assim como a língua não é um simples instrumento de comunicação, também a imagem, enquanto sistema simbólico, na sua incompletude, não é capaz de representar exatamente um objeto ou um dizer qualquer, por mais realística que possa ser ou parecer essa representação. É o que Fernandes (2013) diz ser o impossível da imagem, em par com o impossível da língua. Em qualquer forma de representação – e é importante dizer que a autora não se refere a símbolos e sinais que são artefatos visuais convencionados e ensinados – haverá sempre o gesto de



interpretação daquele que a produziu, seja pela angulação no caso de fotografias e filmes, planos de captura, retoques, seja pela escolha de cores e nuances, pinceladas, traço etc. A imagem, enquanto representação, é sempre já uma leitura de alguém sobre algo.

É por isso que podemos dizer que, assim como o texto linguístico materializa na sua forma discursos circulantes, a imagem também o faz, possibilitando assim que se procedam a análises discursivas da imagem.

2 Análise de imagem

Feitos esses apontamentos, passemos à proposta de uma análise, com o propósito de mostrar como a imagem pode materializar determinados sentidos postos em circulação na sociedade. A ideia inicial é procurar estabelecer um ponto de entrada pela superfície da imagem apresentada e, a partir daí, procurar relacionar os elementos que a constituem com algumas formações discursivas.

Lembramos que o procedimento de análise de discurso, segundo Pêcheux, parte da superfície linguística – no caso dos textos – promovendo sua dessuperficialização para se chegar ao seu objeto discursivo e, a partir daí, compreender os processos discursivos que fazem com que aquele texto produza o sentido que produz. Não se trata, pois, de procurar encontrar a verdade do texto, ou responder à questão “o que esse texto quer dizer?”. Do mesmo modo, o objetivo aqui não será o de encontrar a “mensagem” da imagem nem, tampouco, propor um sentido único para ela. Procuraremos expor nosso olhar à sua opacidade, procurando encontrar marcas que apontem para alguns discursos circulantes em nosso meio social.

A imagem em questão circulou há alguns meses em redes sociais na forma de post. Especificamente esta foi capturada de uma postagem na rede LinkedIn, que se apresenta como uma rede social destinada a promover conexões entre usuários em nível profissional. Uma rede, aliás, em que transbordam discursos sobre meritocracia e liberalismo econômico, além de outros relacionados à autoajuda e ao comportamento organizacional. Já é importante aqui considerar o modo de circulação da imagem analisada, uma vez que os posts são, em sua maioria, formas de dizer condensadas, preparadas para, imaginariamente, se prestarem a uma eficácia



comunicativa. Posts geralmente circulam conjugando verbal e não-verbal, e nesse caso não foi diferente. Mas para nossa análise, vamos nos permitir excluir a parte verbal, pelo menos no início, para nos atermos apenas à imagem num primeiro momento.

Figura 1 – Recorte de postagem



Fonte: Feed da rede social LinkedIn

Apesar de se apresentar como unidade, a imagem se mostra em uma sequência. Isso já nos leva a produzir um gesto de leitura ou de “antes e depois” ou de comparação entre duas situações semelhantes. São três indivíduos na primeira imagem que estão sobre um tipo de base de mesmo tamanho – caixotes – cada um com a sua. Assistem àquilo que assemelha a um jogo em um estádio que parece estar cheio. O indivíduo menor, porém, não consegue ver o que se passa, porque não alcança a altura necessária para ver sobre a cerca.

Na segunda imagem, apresentam-se os mesmos indivíduos, porém as bases mudam de lugar. Aquele mais alto aparece agora no chão e sua base serve ao menor que agora, com duas, consegue ver a partida.

Vejamos agora alguns marcadores presentes na imagem que nos permitem pensar na co-presença de outras imagens, para citarmos Souza (2015), ou que podem funcionar, de alguma forma, como operadores de memória social. Lembro que não nos propomos fazer uma análise da função dos elementos segmentados da imagem,



mas sim do seu funcionamento enquanto elementos de um efeito de unidade textual produzido pela imagem.

Começemos pela cor amarronzada da pele dos indivíduos, que nos faz supor que se trata de pessoas negras (de pele escura). E essas pessoas estão tentando ver o jogo do lado de fora: são separados por uma cerca que não ultrapassam, mas que, no máximo, tentam ver sobre ela. A imagem já coloca, assim, uma separação, uma diferença, entre os que estão dentro e os que estão fora. Não se vê a cor da pele dos que estão dentro, mas a imagem é enfática em mostrar a dos que estão fora, excluídos daquele espaço. O que está ausente na imagem, assim, é a condição de inclusão do pequeno grupo ao grupo maior e essa ausência se marca pela presença da cerca.

Passemos agora aos caixotes que são os elementos que não se encontram na mesma posição entre uma imagem e outra e que possibilitam essa leitura em continuidade. O que percebemos é que na segunda imagem, o caixote, que estava sob o primeiro indivíduo, passa para o terceiro, ficando este último, então, sobre dois caixotes. Não houve alteração quanto ao segundo indivíduo, o de tamanho médio. Mas houve uma subtração do mais alto para favorecer o mais baixo. E como resultado, todos foram capazes de assistir ao jogo (mesmo que ainda do lado de fora).

A não depender do linguístico, um dos sentidos possíveis para essa imagem, como dissemos, é o de exclusão, da separação e desigualdades entre os que estão inseridos num espaço e os que não estão e que procuram, de alguma forma, olhar para este espaço e dele participar de alguma forma. Uma forma de discurso bastante circulante nos dias atuais, principalmente quando nos referimos às minorias de forma geral, o que também é representado de certa forma na imagem, pela quantidade dos que estão dentro e dos que estão fora. E pela imagem, essa minoria é caracterizada ainda por pessoas negras.

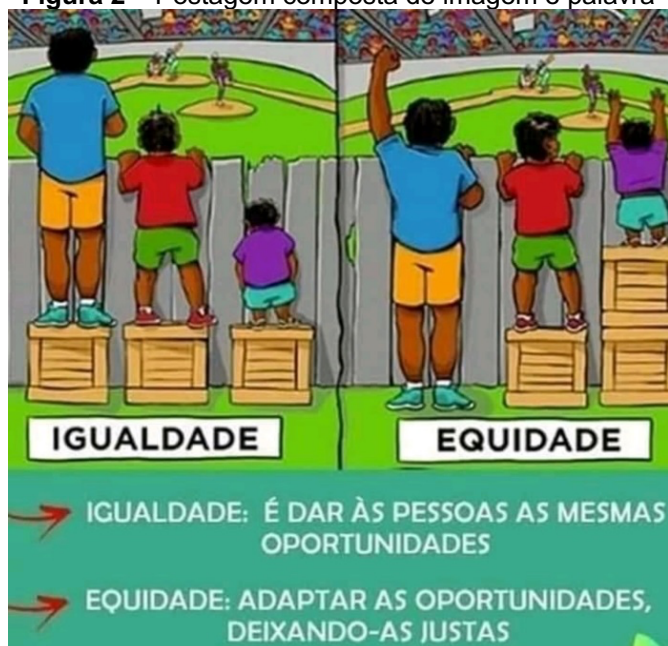
Na questão sobre quem ajuda quem, há dois sentidos postos em evidência: num deles, o auxílio se dá entre eles mesmos, aqueles que estão de fora. Não vem de outro lugar, do dentro, mas sim do que está ao lado. No outro sentido, por outra via, se tira do mais alto para dar ao mais baixo: aquele que precisa menos dá àquele que precisa mais e isso faz com que aquele que precisa mais se iguale em condições de altura com o de estatura média e com o mais alto. Não precisamos ir muito adiante para, sem querer parafrasear a imagem, lembrarmos-nos das classificações



socioeconômicas em classes alta, média e baixa e da máxima “tirar dos ricos para dar aos pobres” aqui representados pelas estaturas. Como se vê, essa imagem materializa e é capaz de operar, ao seu modo, algumas dessas formações imaginárias que circulam socialmente.

Continuando agora com nossa análise que, salientamos, se trata da imagem, gostaríamos de trazer o linguístico que a acompanha nas postagens. E o fazemos apenas para um exercício daquilo que expusemos, há pouco, sobre como, a despeito de sermos pegos sempre numa primazia do verbal sobre o não-verbal, a imagem tem, com seus operadores discursivos, um funcionamento que lhe é próprio.

Figura 2 – Postagem composta de imagem e palavra



Fonte: Feed da rede social LinkedIn.

Essa postagem se presta a “ensinar” a diferença entre os termos igualdade e equidade. E colocamos “ensinar” entre aspas, porque o que nos leva a pensar sobre isso, é seu próprio traço que se assemelha ao traço de uma história em quadrinhos, tanto pelo desenho, quanto pela forma das letras. E bem se sabe que algumas “cartilhas educativas” que circulam em diferentes espaços trazem também essa forma característica.

Ou seja, o material em questão reclama uma memória que já o coloca como aquilo que vai trazer um ensinamento, um esclarecimento, uma explicação. E é



interessante perceber que isto é feito conjugando-se verbal e não-verbal, numa tentativa de complementaridade entre os diferentes sistemas: o verbal marca, abaixo de cada cena, qual é o exemplo de igualdade e o qual é o exemplo de equidade e, logo abaixo, explica o que é cada um dos termos. Nesse movimento, a imagem tem uma função de ilustração, ou seja, serve para exemplificar aquilo que está dito sobre os termos. Essa função de ilustração aliás, é bem utilizada na imagem quando se deseja também no linguístico direcionar seu sentido.

No material analisado, é a imagem que coloca em cena de que igualdade e de que equidade se fala, como se ela fosse capaz de dar conta do fechamento dos sentidos para os termos. Eis a ilusão de sua eficácia quando se pensa na imagem como instrumento de informação.

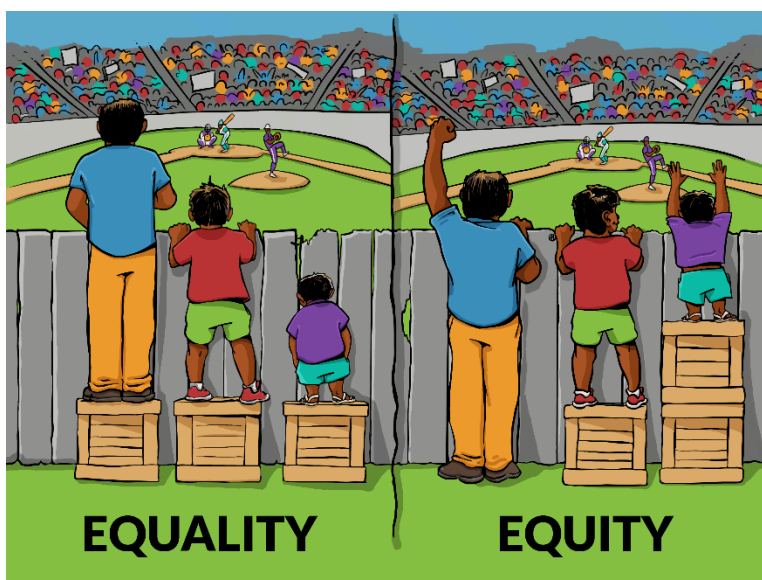
Pelo que pudemos observar, há funcionamentos distintos entre o verbal e o não-verbal nesta materialidade significativa. Pela sua leitura em sequência, na comparação entre igualdade e equidade, o que fica como certo, como aquilo que vem aniquilar a diferença, é a equidade – é o que vem por último, num efeito de fechamento do sentido entre o que se pensa ser o correto e o que é de fato correto e isso ocorre porque o linguístico, de alguma forma, sobrepõe (direciona) o sentido da imagem.

Restam ainda algumas observações sobre o material selecionado para a análise. Essa imagem, originalmente, foi produzida pelo artista Angus Maguire, para o IISC – Interaction Institute for Social Change, dos Estados Unidos e publicada pela primeira vez no site da organização em 13 de janeiro de 2016³, conforme segue.

³ Disponível em: <https://interactioninstitute.org/illustrating-equality-vs-equity/> . Acesso em: 28/01/2022.



Figura 3 – Publicação original Equality/Equity



Fonte: IISC – Interaction Institute for Social Change

Como se pode observar, a imagem que circulou nas redes sociais brasileiras é já uma paráfrase da original – e não apenas sua mera tradução. Nessa imagem, no primeiro indivíduo é possível perceber uma calvície, além de estar vestido com calças compridas, o que nos leva a supor que se trata de uma pessoa com mais idade que as outras. Além disso, o fato de não haver uma explicação no linguístico sobre o que é igualdade (equality) e equidade (equity), como no caso da postagem analisada, permite uma maior abertura na interpretação, mesmo quando relacionamos os termos à imagem.

Além dessa paráfrase que analisamos, outras também circularam no Brasil, inclusive com acréscimos à sequência da imagem, com alusão à “realidade em que vivemos”, em que se mostram discrepâncias ainda maiores nas alturas dos indivíduos, e com alusão à liberdade, em que a cerca que os separa do campo do jogo é excluída. Em outros casos, fazem-se também comparações entre capitalismo e socialismo, ora dando um direcionamento positivo a um, ora a outro. Confronto, aliás, que está na base dos processos discursivos que dão sentido à imagem em questão.

Não vamos nos ater às análises de cada uma dessas versões que também circulam nas redes sociais. Todavia, esse fato nos mostra como as produções de imagens já se colocam como gestos de interpretação, na medida em que tendem a materializar determinadas formações discursivas circulantes na sociedade.



Considerações finais

O processo analítico discursivo prevê o afastamento do objeto, ou seja, o reconhecimento de que se trata de um objeto simbólico, materialização de um (ou mais) sistema(s) simbólico(s), a que todos nós estamos submetidos e que, inconscientemente, nos coloca já em gestos de interpretação. Pela des-superficialização da sua evidência de sentido, a de-subjetivação em relação ao objeto nos permite o afastamento do efeito ideológico que nos desloca da posição de sujeito-que-interpreta para a posição de sujeito-que-busca-compreender, o sujeito analista. É nesse momento que é possível o levantamento de marcas que nos levam a considerar funcionamentos que permitem avançar na análise, considerados em seu caráter de significantes sócio-históricos.

Na Análise de Discurso, interessa pensar os operadores discursivos, ou seja, elementos que reclamam sentidos por uma memória que funciona pelo esquecimento e que compõem a imagem enquanto texto visual, unidade de significação. São dispersões que se linearizam na construção imagética e que funcionam na construção do sentido. Estar fora ou dentro, ser claro ou escuro (na relação com cor da pele), ser alto ou baixo... tudo isso faz entrar, tanto para a produção quanto para a leitura da imagem o sócio-histórico, o dizer de alguma forma para se fazer entender, apagando os processos pelos quais esse dizer se estrutura enquanto tal. É a remissão da imagem à historicidade que a constitui no seu sentido.

Mas a imagem, como pudemos expor, evoca sentidos outros dos quais não escapa. Em nosso recorte de análise, observamos que, ao procurar dizer, na conjugação do verbal e não-verbal que a igualdade não é capaz de solucionar os problemas entre os diferentes, propondo a equidade, a imagem no seu funcionamento é capaz de remexer outras redes de memórias, ecoando ainda outros modos de desigualdades que, neste caso, também a equidade não é capaz de resolver. A postagem, assim, não produz a ruptura, não chega a inscrever-se na rede de memória como algo novo. Ao propor, na sua superfície, mostrar a diferença entre a igualdade e a equidade, acaba produzindo o mesmo no diferente.



Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidades enunciativas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BARTHES, Roland. **L'obvie et l'obtus**. Essais Critiques III. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte da memória? In: ACHARD, P. et al (Org.). **O papel da memória**. Trad. de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. São Paulo: Pontes, 1987.

FEDATTO, Carolina. P. Sobre as possibilidades de negação na imagem e alguns desdobramentos teórico-analíticos. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, [S. l.], n. 15, v. 2, p. 27-37, 2015.

FERNANDES, Carolina. **A resistência da imagem**: uma análise discursiva dos processos de leitura e escrita de textos visuais. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras. Porto Alegre, RS. 2013.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Trad. Maria Fausta Pereira de Castro. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

LAGAZZI, Suzy. Linha de Passe: a materialidade significativa em análise. **Rua**, Campinas, n. 16, v. 2, p. 172-182, 2010.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso e leitura**. 5 ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

ORLANDI, Eni. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **Rua**, Campinas, n. 1, v. 1, p. 35-47, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) **O papel da memória**. Trad. de José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

SOUZA, Tania. C. C. de. A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Rua**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 65-94, 2015.